

24 DE AGOSTO DE 2021

## Xi Jinping e os ricos

Por André Moreira Cunha e Andrés Ferrari, professores do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS

“Pobreza não é socialismo. Enriquecer é glorioso.” – Deng Xiaoping

### **Xi e os Ricos**

No mais recente encontro do Comitê Central de Assuntos Econômicos e Financeiros do Partido Comunista da China (PCC), presidido por Xi, discutiu-se a necessidade de “... regular as rendas excessivamente altas e encorajar as grandes empresas a darem maior retorno à sociedade.”[1]. Em alusão à uma das frases célebres de Deng Xiaoping, se no início das reformas pró-mercado aceitava-se que “alguns ficarão ricos primeiro”, agora há uma nova diretriz: “prosperidade para todos”.

É crescente a pressão do governo chinês sobre os ricos e, especial, os titãs das empresas de alta tecnologia. No final do ano passado, o polêmico e midiático Jack Ma, dono da Alibaba e da fintech Ant Group, passou a criticar a regulação financeira chinesa, considerada “excessiva” por ele. A reação governamental foi imediata e incisiva: suspendeu-se a oferta pública inicial de ações da Ant Group, uma operação que estimava arrecadar US\$ 37 bilhões.

Em julho de 2021, as duas maiores empresas chinesas de tecnologia, Alibaba e Tencent, entraram na mira da autoridade chinesa antimonopólio e estão sob estrita auditoria. Da mesma forma, empresas privadas do setor educacional, que administram serviços online, foram proibidas de captar recursos nos mercados de capitais[2]. A Didi Chuxing, que controla o Uber chinês, dentre outros serviços, sofreu sanções por insistir no processo de abertura de capital na Bolsa de Nova Iorque em um momento onde há sinais de que os conflitos geopolíticos estão atrapalhando a atuação das empresas chinesas no mercado de capitais dos Estados Unidos (EUA).

No final do governo Trump foi introduzida uma nova legislação (Holding Foreign Companies Accountable Act) que obriga as empresas listadas em bolsas de valores estadunidenses a se submeterem a processos mais estritos de auditoria. Aparentemente, as empresas chinesas eram os seus alvos principais. Em maio de 2021, havia 248 empresas listadas no mercado de capitais dos EUA (NASDAQ, New York Stock Exchange e NYSE American) com uma capitalização de US\$ 2,1 trilhões[3]. Do ponto de vista do PCC, essa legislação permitiria acesso dos reguladores estadunidenses aos dados estratégicos das suas grandes corporações[4]. Para os chineses tal regra extrapola os limites usuais da verificação da situação contábil, patrimonial e dos eventuais riscos do negócio.

Os investidores estrangeiros reagiram fortemente às tensões geopolíticas entre EUA e China e às novas medidas regulatórias. Nas últimas semanas o movimento de venda de ações de empresas chinesas listadas nos EUA se intensificou. Por exemplo, o NASDAQ Golden Dragon China Index já acumula queda de 30% desde fevereiro. No auge das tensões, em julho, esse índice, que agrega as 98 maiores empresas de tecnologia listadas, apresentou queda de 15% em um par de dias, no maior movimento baixista desde a crise financeira de 2008. Ao longo de 2021, uma perda no valor de mercado das empresas chinesas estimada em US\$ 1 trilhão[5]. Todavia, a queda no valor nocional da riqueza mobiliária não se traduz, necessariamente, em mais renda e patrimônio para os cidadãos comuns. A “prosperidade para todos” não se produzirá sem que mecanismos fiscais mais robustos sejam utilizados.

O “Global Wealth Report 2021” do Credit Suisse nos informa que, nos últimos 20 anos, a participação dos 1% mais ricos na riqueza chinesa passou de 21% para 31%. Em termos de distribuição do número de milionários no mundo, a China responde por 11% desse universo, ficando atrás apenas dos EUA (40%). Essa proporção se reproduz em outra base de informações: a lista da Forbes dos 1000 bilionários do mundo, onde o gigante asiático aparece com 142 bilionários, ante os 358 dos EUA.

A maior tributação dos ricos e a redistribuição desses recursos em serviços públicos e, também, por mecanismo diretos de transferência de renda, são políticas historicamente utilizadas para atenuar os desequilíbrios distributivos. Há sinais de que o governo avançará em áreas como o aumento nos impostos corporativos de setores de tecnologia – dos atuais 10% para os 25% usuais aos demais setores – e a tributação do patrimônio imobiliário[6]. A introdução de impostos fortemente progressivos nesse segmento poderia conter parte da especulação altista no valor dos imóveis, além de gerar receitas adicionais para financiar as políticas públicas de inclusão.

A pressão do governo chinês sobre as empresas de alta tecnologia não é um fato isolado[7]. Recentemente, o presidente dos EUA manifestou seu desconforto com o excesso de poder das *Big Tech*. Para além de palavras, ele deu dois passos claros nesta direção: nomeou Lina Khan, professora da Columbia Law School e crítica dos grandes monopólios, para chefiar a agência federal de proteção dos consumidores (Federal Trade Commission); encaminhou uma medida que reduz o poder das grandes empresas em reter seus funcionários mais qualificados por meio de cláusulas contratuais restritivas; e aprovou um decreto que visa estimular a competição e, assim, restringir práticas monopólicas[8]. Adicionalmente, a administração Trump propôs o aumento de impostos para as empresas e as pessoas de alta renda. Na Europa[9], as companhias da Gig Economy também têm sido forçadas a pagar mais impostos nos mercados de destino da prestação de serviços, bem como são alvos de medidas antimonopólio.

Na China, o desafio regulatório que se impõe ao Partido Comunista e suas lideranças é o de manter firmes a estabilidade e o controle de quatro pilares estratégicos: o sistema bancário, a regulação antimonopólio, a segurança dos dados e a equidade social[10]. Diferentemente do que se passa nas demais potências ocidentais, o poder econômico não define, em última instância, os rumos políticos do país. Ao contrário, ele se subordina aos ditames emanados pelo PCC. A China consegue ser uma economia dinâmica e internacionalizada, que se consolidou como um poder global nos marcos do capitalismo. Todavia, ela não se enquadra nos moldes ocidentais da política liberal ou das relações entre empresas e governos.

Empresários bilionários que comandam conglomerados internacionalizados, como Jack Ma, podem ter se esquecido das lições históricas do processo de modernização da China. Por isso mesmo, o PCC de Xi está relembando os limites toleráveis para o ativismo social e político dos ricos. Ao mimetizarem seus congêneres ocidentais, ostentando sua riqueza e propagando ideias libertárias, os titãs chineses da alta tecnologia ultrapassaram uma barreira considerada inaceitável pelos líderes comunistas. Desde que Deng Xiaoping assumiu o leme dos destinos da nação, o pragmatismo do PCC foi particularmente generoso no estímulo à livre iniciativa dos empreendedores privados. Porém, em nenhum momento flertou seriamente com o apoio às liberdades políticas e individuais ou com a quebra do seu monopólio de poder.

### ***Enriquecer é glorioso, mas...***

Deng Xiaoping foi o principal líder da segunda revolução chinesa. A primeira, conduzida por Mao Zedong, permitiu a chegada dos comunistas ao poder. A retomada da soberania do país, após o “século de humilhações”, tornou-se um legado político recorrentemente celebrado. Ao proclamar que o “povo chinês se levantou”[11], Mao criou o slogan síntese para o longo esforço da China em retomar o controle do seu território e, mais importante, do seu destino. Mais controversos foram os resultados econômicos do processo de coletivização forçada, dos impulsos centralizadores e estatizantes, e do fervor revolucionário derivado da sua Revolução Cultural[12].

A era Mao permitiu à China tornar-se uma potência nuclear e, ademais, estabeleceu fundamentos sociais e produtivos que contribuíram para o posterior embarque no mais dinâmico processo de modernização já realizado na história contemporânea. Porém, ela também dificultou o avanço em áreas estratégicas, particularmente na incorporação de práticas gerenciais e de inovações tecnológicas capazes de dar sustentação a trajetórias mais robustas de crescimento econômico. Para superar o atraso relativo do país e os conflitos políticos exacerbados, Deng promoveu as “Quatro Grandes Modernizações” (agricultura, indústria, defesa, ciência e tecnologia), estabilizou o processo interno de governança e de sucessão de poder no PCC e abraçou a globalização.

O sucesso econômico da China é inequívoco. Nas últimas quatro décadas, a sua renda *per capita* cresceu, em média, 8,5% a.a., bem acima dos 4,6% a.a. registrados entre 1950 e 1979<sup>[13]</sup>. O país tornou-se a maior economia global em paridade de poder de compra, e a segunda maior em dólares correntes. O gigante asiático é o principal *player* no comércio internacional, o segundo maior investidor em pesquisa e inovação e possui o maior estoque de capital do mundo; vale dizer, o valor monetário estimado de sua infraestrutura física (prédios comerciais e residenciais, fábricas, estradas, portos, aeroportos, etc.). Sob o comando do PCC, o “Império do Meio” consolidou-se como uma potência militar e espacial e tem uma estratégia ativa de internacionalização de sua moeda, de suas empresas e de seus investimentos. A “Nova Rota da Seda” (Belt and Road Initiative) é a sua mais recente iniciativa para a construção de bases materiais e institucionais que a consolidem como a potência líder do continente euroasiático e, possivelmente, um poder global capaz de se ombrear os EUA.

O pragmatismo e a capacidade de se adaptar às distintas conjunturas têm sido marcas importantes dos sucessivos líderes chineses da era pós-Mao. Deng Xiaoping foi particularmente prolífico na introdução de ideias-força que sintetizam essa perspectiva. Suas analogias e frases simbólicas resistem ao teste do tempo<sup>[14]</sup> e ainda podem ser utilizadas no esforço de decifrar o enigma chinês. São exemplos nesse sentido expressões como: “Não importa se o gato é branco ou preto; enquanto ele caçar o rato será um bom gato”; “Busque a verdade nos fatos”; “Atravesse o rio sentindo as pedras”, “Mantenha a calma e seja discreto. Nunca assuma a liderança – mas tente fazer algo grande”, dentre outras. Como a liderança de Deng e dos sucessores por ele indicados, a ênfase na construção de capacidades tecnológicas e produtivas internas por meio da maior integração com os circuitos mercantis internacionais se deu de forma intensa e contínua. As disputas ideológicas internas ao Partido, e a conseqüente busca por controle integral das iniciativas individuais, foram colocadas em um plano secundário. Passou-se a estimular a inovação, o progresso material e o uso dos mais distintos mecanismos de mercado para alicerçar o “rejuvenescimento da nação”<sup>[15]</sup>.

Para a decepção das principais potências ocidentais<sup>[16]</sup>, a modernização econômica não se traduziu de forma direta ou automática em reconfiguração política doméstica. A China não se transformou em uma democracia liberal e o PCC segue ditando os rumos da ascensão nacional. Ao comemorar seu centenário, os líderes comunistas reafirmaram ser indissolúvel o destino do povo, da nação e do partido. Xi Jinping<sup>[17]</sup> deixou isso claro no seu discurso de celebração:

“Through tenacious struggle, the Party and the Chinese people showed the world that the Chinese people had stood up, and that the time in which the Chinese nation could be bullied and abused by others was gone forever... (and) that by pursuing reform and opening up, a crucial move in making China what it is today, China had caught up with the times in great strides.”

Com Xi a musculatura do Estado e do Partido voltou a se fortalecer. Se, nos países avançados do Ocidente, percebe-se o predomínio dos interesses das elites econômicas e políticas em detrimento do bem-estar do conjunto da sociedade, na China, o Partido Comunista não parece disposto a compartilhar o controle sobre as formas de uso da riqueza social ou das informações geradas com as novas tecnologias digitais e a Inteligência Artificial. Os seus líderes não almejam transformar o país em uma democracia liberal ou em uma plutocracia.

### ***A concentração excessiva não será tolerada***

Nos últimos meses, o governo chinês tem sido particularmente ativo na regulação de alguns setores econômicos, particularmente os segmentos de alta tecnologia. O sucesso do país permitiu a emergência de grandes conglomerados (estatais ou privados), que já estão entre os maiores do mundo. Em 2020, a China possuía 124 empresas na lista das 500 maiores da Fortune, contra as 10 empresas existentes na lista de 2000. A China já ultrapassou os EUA nesse aspecto do *ranking*. Em termos de participação relativa nesse universo de grandes corporações, as chinesas detêm 37% dos ativos e 8% do faturamento; já as estadunidenses possuem 33% e 10%, respectivamente. No caso da China, há o claro predomínio das grandes estatais, com participações superiores a ¾ dos respectivos agregados (número de empresas, ativos e receitas). Tais empresas são governadas por uma lógica que transcende a busca de valorizar o retorno para os acionistas no curto prazo. Elas buscam garantir acesso a matérias-primas estratégicas e mercados consumidores, bem como funcionam como alavancas da política de internacionalização do país<sup>[18]</sup>. Já no rol das “privadas chinesas” há conglomerados que se transformaram em líderes globais em setores intensivos em tecnologia, como a Alibaba, Baidu, Huawei, Lenovo, Tencent, Xiaomi, dentre outras.

Xi não parece estar disposto a embarcar em uma nova “Revolução Cultural”. Perseguir os ricos e as grandes empresas privadas, particularmente as de alta tecnologia, poderia minar os ganhos de produtividade e, com isso, o sucesso econômico do país. O que se está desenhando é um novo arranjo de convívio entre o Partido e os ricos. Estes deverão entender que não estão

autorizados a se envolver na política ou a criticar o Estado. Enriquecer e pagar impostos, inovar e gerar dinamismo, são iniciativas bem-vindas. Bloquear a emergência de novas empresas ou influenciar na definição das políticas públicas não são situações toleráveis[19].

Ao invés de perseguir as elites com o intuito de destruir “as velhas ideias, hábitos, culturas e costumes” na linha maoísta (“Esmagar os quatro velhos”), Xi sinaliza que a riqueza privada precisa se justificar socialmente. O Estado (e o Partido) não pretende ter o monopólio sobre a geração da riqueza, mas segue firme com o intuito de manter as rédeas curtas no controle do seu uso e na gestão das informações e do poder.

[1] Ver: Financial Times (18/08/2021) “China’s Xi calls for wealth redistribution and clampdown on high incomes” (<https://www.ft.com/content/87c3aa02-f970-48c8-b795-82768c9f7634>); <https://www.reuters.com/breakingviews/xis-wealth-redistribution-push-starts-with-stick-2021-08-18/>; <https://www.bloomberg.com/news/articles/2021-08-18/xi-seeks-common-prosperity-while-curbing-china-financial-risks>.

[2] Ver: <https://edition.cnn.com/2021/07/26/investing/china-education-crackdown-intl-hnk/index.html>;  
<https://edition.cnn.com/2021/07/26/investing/china-education-crackdown-intl-hnk/index.html>.

[3] Ver: <https://www.uscc.gov/research/chinese-companies-listed-major-us-stock-exchanges>.

[4] Ver: <https://www.forbes.com/sites/robertolsen/2020/12/18/trump-signs-bill-that-could-delist-chinese-companies-from-us-stock-exchanges/>.

[5] Ver: <https://www.reuters.com/breakingviews/xis-wealth-redistribution-push-starts-with-stick-2021-08-18/>

[6] Idem.

[7] Ver: <https://foreignpolicy.com/2021/08/11/artificial-intelligence-big-tech-regulation-monopoly-antitrust-google-apple-amazon-facebook/>; <https://www.reuters.com/business/finance/financial-regulators-urgently-need-get-grip-big-tech-bis-2021-08-02/>; <https://www.theguardian.com/technology/2021/aug/01/big-techs-big-week-blade-runner-future-amazon-google-apple-microsoft>.

[8] Ver: “Executive Order on Promoting Competition in the American Economy” <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/07/09/fact-sheet-executive-order-on-promoting-competition-in-the-american-economy/>;  
<https://fortune.com/2021/07/13/biden-finds-an-ally-against-big-tech/>; <https://fortune.com/2021/07/07/biden-executive-order-workers-employers-ftc/>; <https://www.forbes.com/sites/stevedenning/2021/07/11/why-bidens-attack-on-big-tech-is-misguided/?sh=76a88f1061e0>; .

[9] Ver: <https://www.reuters.com/business/finance/financial-regulators-urgently-need-get-grip-big-tech-bis-2021-08-02/>;

[10] Ver: <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2021-07-26/xi-s-four-pillars-of-regulation-will-change-the-way-big-tech-works-in-china>.

[11] Ver: <https://china.usc.edu/Mao-declares-founding-of-peoples-republic-of-china-chinese-people-have-stood-up>.

[12] Ver: John King Fairbank e Merle Goldman, “China: A New History”, 2nd Revised & enlarged Edition, 2006; Jonathan D. Spence, “The Search for Modern China”, Third Edition, 2012; Yang Jisheng, “The World Turned Upside Down: A History of the Chinese Cultural Revolution”, 2021.

[13] Estimativas dos autores com base nos dados do “The Conference Board Total Economy Database” (July, 2020) em dólares constantes (metodologia EKS a preços de 2019).

[14] Ver: Ezra F. Vogel “Deng Xiaoping and the Transformation of China” (2011); e <https://quotes.thefamouspeople.com/deng-xiaoping-4263.php>.

[15] Ver: Richard McGregor, “The Party: The Secret World of China’s Communist Rulers”, 2010; Henry Kissinger, “On China”; Elizabeth C. Economy, “The Third Revolution: Xi Jinping and the New Chinese State”, 2018; Tony Saich, “From Rebel to Ruler: One Hundred Years of the Chinese Communist Party”, 2021.

[16] A administração Trump foi particularmente clara ao enunciar a perspectiva estadunidense: “Since the United States and the People’s Republic of China (PRC) established diplomatic relations in 1979, United States policy toward the PRC was largely premised on a hope that deepening engagement would spur fundamental economic and political opening in the PRC and lead to its emergence as a constructive and responsible global stakeholder, with a more open society. More than 40 years later, it has become evident that this approach underestimated the will of the Chinese Communist Party (CCP) to constrain the scope of economic and political reform in China. Over the past two decades, reforms have slowed, stalled, or reversed. The PRC’s rapid economic development and increased engagement with the world did not lead to convergence with the citizen-centric, free and open order as the United States had hoped. The CCP has chosen instead to exploit the free and open rules-based order and attempt to reshape the international system in its favor. Beijing openly acknowledges that it seeks to transform the international order to align with CCP interests and ideology. The CCP’s expanding use of economic, political, and military power to compel acquiescence from nation states harms vital American interests and undermines the sovereignty and dignity of countries and individuals around the world.” (U.S. Strategic Approach to the People’s Republic of China, <https://trumpwhitehouse.archives.gov/wp-content/uploads/2020/05/U.S.-Strategic-Approach-to-The-Peoples-Republic-of-China-Report-5.24v1.pdf>).

[17] Ver: [http://www.xinhuanet.com/english/special/2021-07/01/c\\_1310038244.htm](http://www.xinhuanet.com/english/special/2021-07/01/c_1310038244.htm). De forma mais enfática, é possível destacar a seguinte passagem de Xi: “We must uphold the firm leadership of the Party. China’s success hinges on the Party. The more than 180-year-long modern history of the Chinese nation, the 100-year-long history of the Party, and the more than 70-year-long history of the People’s Republic of China all provide ample evidence that without the Communist Party of China, there would be no new China and no national rejuvenation. The Party was chosen by history and the people. The leadership of the Party is the defining feature of socialism with Chinese characteristics and constitutes the greatest strength of this system. It is the foundation and lifeblood of the Party and the country, and the crux upon which the interests and wellbeing of all Chinese people depend. On the journey ahead, we must uphold the Party’s overall leadership and continue to enhance its leadership. We must be deeply conscious of the need to maintain political integrity, think in big-picture terms, follow the leadership core, and keep in alignment with the central Party leadership. We must stay confident in the path, theory, system, and culture of socialism with Chinese characteristics. We must uphold the core position of the General Secretary on the Party Central Committee and in the Party as a whole, and uphold the Central Committee’s authority and its centralized, unified leadership. Bearing in mind the country’s most fundamental interests, we must enhance the Party’s capacity to conduct sound, democratic, and law-based governance, and ensure that it fully exerts its core role in providing overall leadership and coordinating the efforts of all sides.”

[18] Ver: <https://www.csis.org/blogs/trustee-china-hand/biggest-not-strongest-chinas-place-fortune-global-500>; <https://logs.worldbank.org/eastasiapacific/state-owned-enterprises-in-china-how-big-are-they>. Detalhes em: David Shambaugh, “China and the World”, 2020.

[19] Assim: “‘The increase in regulation can bring some benefits to the Chinese corporate world as some sectors are very unregulated,’ said Steve Tsang, director of the SOAS China Institute at the SOAS University of London. ‘But the increase in control also signals to the private entrepreneurs that they must now watch their steps more carefully and bring their businesses in line with Party guidelines or leadership.’ Opper, of Bocconi University, cited similar concerns, adding that Beijing’s decision to target specific companies may not be ‘the most effective policy response.’ She suggested that progressive taxation and education support for the poor could more successfully combat inequality.” (<https://www.wlfi.com/content/national/575015402.html>). Ver, também: <https://www.wired.com/story/china-cracks-down-tech-giants-sound-familiar/>; <https://www.cnn.com/2021/08/12/chinas-tech-giants-generate-billions-but-squeezed-small-businesses.html>.

❗ INFORMAR ERRO

➤ ANÁLISE: CONJUNTURA NACIONAL E INTERNACIONAL

# ARTIGO

